

O HERÓI COMO REPRESENTAÇÃO DA RESISTÊNCIA AO SISTEMA

Rosangela Sanches da SILVEIRA*

A fada que tinha idéias de Fernanda Lopes de Almeida, um conto de fadas moderno que critica o “status quo”, a ordem estabelecida, a estagnação. É uma obra que leva o leitor a refletir e questionar sobre o mundo em que vive e a questioná-lo, despertando-o para uma tomada de posição, não só diante do texto, mas diante da própria realidade. Contudo, o livro não afasta o leitor do âmbito maravilhoso. Ou seja, o mundo que nos é apresentado é o mundo maravilhoso dos contos de fadas e o elemento mágico, nessa obra, acaba por constituir-se em um elemento de interpretação do real.

Essa passagem entre o real e o maravilhoso em *A fada que tinha idéias* é construída de maneira sutil e dissimulada, pois a obra, antes de tudo poética, isto é, trata-se dum texto em que predomina o literário e não apenas a contestação, a resistência. Certamente, por isso mesmo, consegue ser uma expressão da resistência.

A história se passa na via láctea e tem como herói uma fada de apenas 10 anos de idade: Clara Luz. Um nome bastante sugestivo para uma personagem tão cheia de idéias e que consegue enxergar o seu mundo de uma maneira muito especial.

Clara Luz, uma criança essencialmente crítica. Ela contesta toda a sociedade em que vive, resistindo firmemente a aceitar tudo que lhe é imposto. A sociedade em questão é o reino das fadas. Uma sociedade feminina na qual os papéis da mulher como “fada”, mãe, professora e líder político que antes

* Aluna do Programa de Pós-Graduação.

estavam bem definidos, passam a ser questionados por Clara Luz. Ela resiste à aceitação do sistema vigente, questionando a família, a política e a educação dentro da sociedade.

Clara Luz é impulsionada por um forte desejo de criar, ela quer originalidade, por isso não aceita “receitas prontas” e nem fórmulas mágicas pré-estabelecidas, como aquelas contidas no Livro das Fadas. Ela resiste a aprender as mágicas do Livro, uma vez que sempre são as mesmas: fabricar tapetes e desencantar princesas, impedindo a criação de novas mágicas e levando à estagnação e ao conformismo diante das regras. O Livro das Fadas é o primeiro ato de resistência de Clara Luz em favor da liberdade de criação, como forma de melhorar o mundo. Colorindo a chuva, organizando um balé no céu, transformando as nuvens em animais de brincadeira, Clara Luz tenta melhorar o ambiente em que vive, embelezando-o ou tornando-o mais alegre e interessante.

Criando suas próprias mágicas, e por vontade própria, Clara Luz consegue garantir autonomia para lidar com os poderes mágicos que as fadas tradicionais não possuíam, pois estavam sempre atendendo os pedidos de outrem - lembre-se que o papel da fada tradicional, na maioria das vezes, é reverter feitiços ou doar objetos mágicos para a solução do conflito, é o auxiliar mágico.

As mágicas de Clara Luz, porém, nem sempre dão certo. Ela errou na receita dos bolinhos, quando colocou relâmpago demais, errou também ao colocar três asas no bule para que ele virasse pássaro. Mas Clara Luz sempre pôde contar com a ajuda da Fada-Mãe. Sua mãe, apesar de morrer de medo da Rainha e de desobedecer ao Livro das Fadas, é forçada a transgredir as ordens do Livro, criando novas mágicas para salvar sua filha. Inovando, Clara Luz leva sua mãe a inovar também. Para resolver um problema de originalidade só se pode usar originalidade. A Fada-Mãe quer inovar, mas tem medo do novo, por isso ela sempre usa a desculpa de falta de ar. A mãe de Clara Luz sente falta de ar em situações-limites, quando é necessária uma atitude. Quando isso acontece Clara Luz pede à mãe que olhe a sua volta para ver como tem ar sobrando e sua mãe melhora. Se a mãe não tem consciência do ar a sua volta, como pode ter consciência do que está acontecendo ao seu redor?

A Fada-Mãe e as outras fadas têm medo de inovar, pois são reprimidas pelo Livro e pela tirania da Rainha. Clara Luz, ao contrário, não tem medo de

nada, pois tem idéias. Pensando, criando, ela sempre consegue reverter situações de perigo em situações favoráveis. E sua grande arma não é a mágica, mas seu bom senso, sua inteligência, os argumentos que utiliza que acabam sempre convencendo.

Na sua primeira aula de Horizontologia, Clara Luz expõe à professora recém-formada uma série de opiniões sobre os horizontes. Em primeiro lugar, Clara Luz acredita que não existe apenas um horizonte, como todos dizem, mas sim muitos. Ela diz até que vai escrever um livro sobre o assunto. Além disso, propõe um novo procedimento didático, sugerindo uma aula “vivenciada”: uma aula sobre horizonte no próprio horizonte. Clara Luz acredita na construção do saber e não em algo pronto que deva ser “engolido” sem discussões. Além do mais, quer aprender brincando, “vivenciando” experiências.

A professora a princípio resiste a aceitar essa aula-brincadeira, dizendo que não foi assim que ela aprendeu Horizontologia no colégio. Clara Luz, para convencê-la, utiliza o seguinte argumento:

- Por isso é que a senhora é tão magrinha.
 - Hein?
 - Coitada, levou anos aprendendo horizontologia sentada!
- (Almeida, 1985)

A professora acabou cedendo e foi para o horizonte com Clara Luz. A fadinha conseguiu despertar na professora o seu lado lúdico, fazendo com que ela voltasse a ser criança:

A professora foi a primeira a pular sobre o horizonte.
Estava tão alegre que se esqueceu de que era professora e saiu aos pulos, com os cabelos voando (Almeida, 1985).

Elas acabaram aprendendo e se divertindo ao mesmo tempo e sem contar que se tornaram amigas.

Na última parte da história, Clara Luz tem sua tarefa mais difícil: convencer a Rainha a mudar sua forma de governar.

A opinião de Clara Luz é que a Rainha deveria abrir os horizontes. Para convencê-la disso, utiliza dois argumentos muito fortes:

O primeiro é este:

– Minha opinião é essa: se D. João VI, que não era fada, pôde abrir os portos, porque Vossa Majestade não pode abrir os horizontes? (Almeida, 1985).

Clara Luz desafia a Rainha a mostrar seu poder, sua autoridade. Como ela pode ficar atrás de D. João VI?

O outro argumento utilizado é que as fadas não podem seguir as regras de um livro embolorado. O Livro Mágico das Fadas estava embolorado. Diante desses argumentos, a Rainha não pôde mais resistir à pressão e autorizou a abertura dos horizontes, já que não se pode ter idéias com os horizontes fechados. O Livro das Fadas foi extinto, permitindo a liberdade de pensamento e de criação das fadas.

Clara Luz, com sua astúcia e inteligência desafia o adulto, mas reconhece o papel e a importância de cada um: da mãe, da professora, da rainha. Em nenhum momento quer assumir seus papéis. Ela quer ajudar, participar, dar suas opiniões e idéias, pois acredita que tudo é da conta de todos. Não é pelo fato de ser criança que suas opiniões não devem ser levadas em conta. Com idéias inovadoras, Clara Luz leva as outras fadas (como a Fada-Mãe e a professora) a se questionarem, a quererem mudar e, o que é mais importante: elas perdem o medo e passam a defender as mudanças ao lado de Clara Luz. É o adulto evoluindo, crescendo, superando suas dificuldades e fazendo com que seu mundo evolua.

Clara Luz representa o herói que consegue não somente resistir ao sistema vigente, mas também transformar toda a sociedade em que vive. Segundo Clara Luz:

Quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda. Quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado (Almeida, 1985).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. Lopes de. *A fada que tinha idéias*. 12.ed. São Paulo: Ática, 1985.